



O REAVIVAMENTO DA CULTURA RELIGIOSA POTIGUARA: ritual da Lua Cheia

Verônica da Silva¹
Eliane Farias²

GT 7- Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades indígenas

Resumo

O presente artigo versa sobre o reavivamento do ritual da Lua Cheia no povo Potiguara, na Aldeia Lagoa do Mato, Baía da Traição/PB. Uma aula campo (2023), na disciplina de Arte Sacra Indígena e Afrobrasileira, curso de Ciências das Religiões da (UFPB), objetivando oferecer opções de ensino e aprendizagens sobre os diversos espaços sagrados e das práticas espiritualísticas do fenômeno religioso. Metodologia de abordagem etnográfica, como instrumentos a observação participante, gravações e diário de campo. Os resultados mostram que o professor deve levar os discentes a refletir, construir e desconstruir conceitos religiosos que interferem na formação social do cidadão; consideramos que o ritual da Lua Cheia é uma coexistência de dois mundos a cada ritual: o dos seres “encantados”, neste a memória da ancestralidade se torna imortal no resgate do tempo e o dos “mortais”, onde o tempo perdido se aproxima dos homens em um eterno retorno.

Palavras-chave: ritual da Lua Cheia; indígenas Potiguara; reavivamento da cultura; espiritualidade.

1 Introdução

O povo Potiguara da Paraíba tem uma história marcada por desafios, lutas, resistência e resiliência no Litoral Norte do território paraibano. Diante a estes desafios de adversidades e opressões sofridas a mais de cinco séculos não se deixar destruir até os dias atuais. Hodiernamente, residem nos municípios paraibanos de Rio Tinto, Marcação e Baía

¹ Graduanda em Ciências das Religiões pela UFPB. E-mail: pantorasilva@gmail.com

² Doutora em Educação pela UNINE - México. FONAPER. E-mail: eliafariass@gmail.com

da Traição, ocupando uma área de 33.757 hectares, com uma população de mais 20.000 mil indígenas (SESAI, 2022), distribuídos em 33 aldeias. De acordo com Barcellos (2014, p. 42), a ocupação desses indígenas:

[...] na Paraíba, os Potiguara ocupavam todo o Vale do rio Mamanguape, do litoral até a atual Serra da Raiz (na época, Serra da Cupaoba). De acordo com Baumann (1981), os indígenas possuíam aldeias na terra do caju azedo, também conhecida como *Acajutibiró*, hoje, Baía da Traição.

A historiografia registra opressão e ameaças de estagnação da sua cultura, porém guardam-se firmes, existindo e resistindo na preservação e reelaboração as tradições, dando continuidade ao fio condutor da vida, a mãe terra. A partir de 1980, com o movimento a promulgação da Constituição Cidadã (1988), fortaleceram as ações de reafirmação da etnia indígena, em uma sociedade dominante que ferreamente negou a sua existência. O desafio é uma constância, afirmando o etnônimo, reavivando a cultura e a espiritualidade como parte integradora da identidade brasileira, de ser originário!

O povo Potiguara tem a natureza como sagrada (terra, matas, ar, fogo e águas), onde se manifestam uma hierofania em uma dimensão de religiosidade indígena, onde comungam de espiritualidade e crença, que se manifesta dentro de uma situação histórica determinada e nas experiências com o sagrado, que é efetivada nos cultos ritualísticos Potiguara do Toré e da Lua Cheia.

Neste contexto ritualístico, o Ritual da Lua Cheia é realizado desde 2013, no espaço da Aldeia Lagoa do Mato, no município de Baía da Traição/PB. O personagem principal dessa história é o pajé Isaías Potiguara, que justifica a criação deste, através de um relato onírico com os encantados. Conforme Barcellos (2014, p. 93-124), "(...) para os Potiguaras, os encantados, os aliados que protegem a natureza e os lugares dos rituais, fazem parte da cosmovisão indígena. Na mãe terra, existe vida mineral, vegetal, é onde moram os espíritos, os encantados". Neste sonho, os encantados orientam a fazer uma pajelança no primeiro dia da lua cheia. Um ritual de encontro, de reavivamento de sua cultura, e consonância com conhecimentos tradicionais dos troncos velhos. Barcellos e Silva (2012, p. 25), afirmam que:

A espiritualidade indígena está no ar, na chuva, no vento, na cachoeira, nas furnas e em tudo o que se vê, sente, ouve, concebidos pela natureza ou criado pelo homem. A religiosidade indígena está latente na intimidade com o mundo "mágico" sobrenatural que é repassado de geração em geração pelos anciões Potiguara.

Portanto, foi no contexto didático acadêmico de conhecer a religiosidade indígena Potiguara, que participamos da aula de campo, realizada no dia 06 de abril de 2023, do Ritual da Lua Cheia, na disciplina de Arte Sacra Indígena e Afrobrasileira, ministrada pelo professor

Dr. Lusival Antonio Barcellos do curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O professor nas Ciências das Religiões tem o papel de oferecer opções de ensino e aprendizagens sobre os diversos espaços sagrados e das práticas espiritualísticas do fenômeno religioso, levando os discentes a refletir, construir e desconstruir, e até rever conceitos obsoletos no processo da aprendizagem das diferentes manifestações religiosas que interferem na formação da social do cidadão.

Dessa forma, o presente artigo versa sobre uma aula campo no Ritual da Lua Cheia no Povo Potiguara/PB, usando a metodologia da pesquisa etnográfica de observação participante, utilizando como instrumentos de coleta de dados: aparelhos celulares para vídeos e gravações, e anotações em cardeneta. Com o objetivo de gerar conhecimentos sobre as diversas motivações que levam os indígenas e não indígenas a participarem do ritual da Lua Cheia, analisamos motivação diversas, alguns à procura da cura e autocura, outros vivenciar a espiritualidade sem pretensão da verdade.

2 Fundamentação teórica

2.1 Reavivamento da cultura ancestral: o ritual da lua cheia

A aldeia Lagia de Mato se encontra a 10 Km da cidade de Baía da Traição. Adentramos uma entrada de chão, atravessando aldeias, até avistamos uma placa escrito: "Aldeia Lagoa do Mato - Lagoa encantada". Assim, no início da tarde se inicia a nossa aula campo, um misto de curiosidade e expectativas. Uma viagem rumo ao desconhecido, um encontro marcado, um pensamento sem sentido na estradinha estreita, a noite vai chegando. De repente, no meio do nada aparece uma lagoa e ao lado uma caçara rudimentar e um trilha a seguir rumo ao destino final, o Ritual da Lua Cheia.

Sobre a luz da molécula fluorescente que, ao ser oxidada, age como emissor de luz. Assim, um vagalume se apresenta na mata encantada ao som inicial de uma cigarra. O dueto entre a cigarra e o vagalume é quebrado com a entrada de uma cabocla indígena de meia idade. A indígena limpou o terreiro, preparou o ambiente para o ritual, por ser conhecedora da história oral, ela transmite aos mais novos os conhecimentos ancestrais. Na cultura Potiguara, os anciões são conhecidos por "troncos velhos". De acordo com (Farias; Barcellos, 2015), os "troncos velhos" preservam em sua memórias a tradição do seu povo e, ao transmitir as recordações através das suas narrações, revelam as reminiscências coletivas colaborando, deste modo, para revigorar a autoafirmação do grupo em processo de reestruturação e fortalecimento da identidade cultural e religiosa dos mesmos. No ritual da Lua Cheia, a cabocla anciã lidera os cantos e danças com o pajé Isaías.

Para Eliade (1972), a memória pode ser considerada um tipo de conhecimento e,

dentro do campo religioso, o autor considera que o indivíduo que é capaz de recordar desfruta de uma força que ele denominou de “mágico-religioso”, sendo esta, o conhecimento da origem das coisas. Já para (Rodrigues, 2016), Os troncos velhos são contadores eloquentes de suas experiências. Os seus dizeres não se distinguem dos seus fazeres. O dito está no feito e o feito no dito. Encanta-nos com a palavra, o silêncio, o gesto, a ação, o conselho, “o carão”. Tudo faz parte do ‘repertório’ que auxilia na transmissão da tradição.

Algumas normas compõem o processo do ritual: inicialmente todos os participantes tiram os calçados com objetivo de conexão com a mãe terra; os participantes indígenas pintam os rostos com semente de urucum, por considerar as plantas, a mata um portal para o mundo dos encantados; é colocada em nossas mãos, a Jurema de Cheiro é usada como objetivo de fazer a limpeza espiritual, uma mistura contendo álcool, folhas e casca da jurema, alecrim, alfazema, manacá de caboclo, dentre outras ervas (as mãos não podem ficar cruzadas); a vestimenta tradicional do saiote, cocares, colares são requisitos para os participantes. Conforme Barcellos (2014, p. 299), “o saiote é um trançado semelhante a uma corda que se amarra na cintura e as fibras se estendem até o joelho”. Sobre o grafismo corporal Costa (2022, p. 211), diz:

Os desenhos não apresentam um padrão definido, e podem aparecer em todo o corpo e com diversas formas geométricas, mas costumam remeter a elementos da natureza, como desenhos do couro da cobra jiboia, símbolo de força e defesa, de folhas da planta da jurema, do pássaro nativo guarapira ou a mais típica delas, a colmeia de abelha, que representa a coletividade do povo Potiguara.

Para os Potiguara o grafismo tem entedimento espiritual de relação com o mundo do encantados, tendo uma simbologia de força energética e é canal de comunicação com o mundo não-humanos.

2.2 Os instrumentos sagrados

Na performance do ritual da Lua Cheia, um dos elementos mais forte é a dança do Toré com seus cantos, ritmos e instrumentos de percussão que são: .de grande importância, como explica o pajé Isaías na transcrição de (Costa, 2022. p. 217-218).

O maraca é um instrumento sagrado de chamamento para o mundo espiritual. Ele é o auxílio de um religioso, de um cacique, de um pajé, de um xamã, de uma liderança que tem a permissão de trabalhar num ritual, chamando os encantados. A gaita também é um instrumento sagrado. Quando escuto o som da gaita me dá uma emoção, uma certeza de que os Encantados estão chegando naquele momento, que me irradia todo, sem precisar incorporar. Parece que eu sinto perto de mim toda a minha geração passada, dizendo eu estou aqui, vocês me chamaram. O maracá tem tanto poder espiritual que, além de chamar os encantados, ele ajuda nos trabalhos. Ele carrega toda energia dos encantados. O maracá também é visto como uma entidade.

Os instrumentos são fontes de poder, a ponte do início e da infinitude da vida, micro e macro universos que se interpenetram como energia única e indissolúvel, produto da consciência mais sólida e mais madura, fruto da nossa busca, que nos empurra e nos tornam pessoas mais conectadas com o nosso interior.

A ritualística tem início por volta das 18 horas com uma saudação do pajé Isaias, seguido de uma explicação sobre o ritual e agradecimento a mãe terra e a todos os participantes. Em seguida é oferecida uma bebida feita da árvore da Jurema sagrada e outras especiarias, objetivando fazer a conexão com o reino dos encantados. Por meio de cantos, danças, infusões, cachimbos e dizeres sagrados.

O ritual da Lua Cheia é uma cerimônia da jurema sagrada que, nos transporta ao seio da Mãe Terra e nos acerca da água, da terra, do fogo e do ar, resgatando a essência da natureza entre as defumações e os cantos nativos a Jurema Sagrada, a citar: *“Jurema é um pau encantado, é um pau da ciência que todos querem saber (bis). Mas se você quer ciência eu dou a jurema você (bis)”* (autor desconhecido). A Jurema é uma árvore presente no Nordeste brasileiro, e usada por indígenas. Atualmente, é conhecida como religião dos mestres. Conforme Assunção (2010, p. 19), “(...), podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialista mágico-curativo, baseado no culto dos “mestres”, entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros.

Neste momento a lua já estava imponente no céu, possibilitando sentir a presença das energias dos elementos da natureza envolvendo o ritual. O barulho da pisada na terra, a luz da lua, o vento nas folhas da grande árvore, a música, o som do bombo, a fumaça do cachimbo fazendo a limpeza espiritual, a jurema sagrada e a presença do elemento fogo, velas e na fogueira representava todo o campo de pura energia. Assim, a roda ritualística se torna um portal de cura, emanando os conhecimentos ancestrais que conectam a nossa consciência à essência nativa.

Ao final do ritual é servida a alimentação sagrada que tem como objetivo conectar a terra com o céu. Nesta conexão, é servida primeiro aos visitantes e depois aos indígenas como sinal de respeito. A mesa é composta de comidas regionais, como: beiju, tapioca, caldo de peixe, e também frutas, sucos e biscoitos trazidos pelos participante, orientação do pajé Isaias Marcolino.

2.3 O sagrado, um elo com a religião

A poesia está na visão das almas, sobretudo na natureza e no amor. A sensibilidade de ver e sentir através de todos os sentidos nos inspira a criar poesia ao que Deus criou.

Assim, a discente Veronica da Silva do curso de Ciências das Religiões da UFPB, descreve a sua experiência no ritual da Lua Cheia.

Um vagalume como emissor de luz
Uma cigarra fluorescente
Uma lagoa encantada
Um ritual a começar

Uma anciã indígena
Um tronco velho
A limpeza do terreiro
Uma lua a chegar
Um ritual a começar

Um sonho espiritualizado
A força dos encantados
Um ritual ancestral
Um pajé Potiguara
Um ritual a começar

Uma ave pelecaniforme
Um toque de jurema
Um cântico a entoar
Um símbolo do maracá
Um ritual a começar

Uma dança ritualista
Um remédio para o corpo
Uma cura para a alma traz equilíbrio e paz
Um ritual a começar

Uma performance cultural
Uma planta medicinal
Um símbolo de comunhão
Religa o passado e presente
Um ritual a começar

O cocar é identidade
Responsabilidade e respeito
Celebra a união com o universo
Aquece a alma
Um ritual a começar

A fogueira muda a cor
É visível na escuridão
Conversa com o vento
Celebra a vida
Um ritual a começar

Os encantados Restaura o equilíbrio
Cuida da saúde com movimento e dança
Na força da lua cheia.
(SILVA, Verônica. 2023)

3 Resultados e Discussões

O pajé Isaías Potiguara faz uma performance no ritual da Lua Cheia, em que a plateia e a figura do pajé constroem juntos a obra. A mata se tornou um espaço sagrado, um lugar de encontro do ser humano consigo mesmo, com o próximo e com o divino. O termo

incorporação é um abraço, um acoplamento entre o espírito e o médium. Os dois se juntam numa dança de purificação ao som do tambor com os cânticos, bebidas e o cachimbo numa coexistência de dois mundos.

Para compreender a espiritualidade ligada à conexão com algo que nem sempre é visível aos olhos, podemos entender que, o ritual da lua cheia é uma coexistência de dois mundos. Os seres espirituais “os encantados” que a cada ritual a memória da ancestralidade se torna imortal no resgate do tempo e o tempo perdido se aproxima dos mortais em um eterno retorno a cada ritual. O ritual faz uso bebida da Jurema que tem como elemento central, e nesta visão, é o elemento mitológico que compõe o centro do mundo dos encantados.

4 Considerações Finais

A aula campo nos proporcionou perceber, que há um reavivamento da cultura religiosa Potiguara de suas tradições através do Ritual da Lua Cheia. O povo Potiguara, dentro de um processo de construção de saber, bebe da sabedoria dos troncos velhos na buscando fortalecimento da identidade, valorização e recuperação sociocultural. Neste movimento, o pajé Isaías Potiguara se reinventa com objetivo de preservar e reviver suas tradições. A espiritualidade promove um alicerce em relação ao sagrado, pois não existem mitos sem rito.

Na pesquisa de campo, procuramos observar e participar do ritual, vivenciando o sagrado indígena na busca do fortalecimento de sua identidade. Neste contexto, o ser humano sintoniza com o sagrado na procura do transcendente, em meio a angústia, existe a esperança de que algo divino vai acontecer em sua vida, pela fé, uma força libertadora do sagrado que se liga às forças divinas no ato de dançar, girar, falar, movimentar, recriar o som com o maracá; criando um elo da natureza e os seres encantados num transe celestial. Neste sentido, pode-se dizer, que existe um transe no ritual, o homem se transforma em um ser encantado, uma ave da natureza, como se fosse uma dança, um religar com a ancestralidade.

A aula campo traz sempre um aprendizado diferente, proporcionando novos saberes, e várias reflexões a respeito do nosso lugar na academia e a responsabilidade de ter um outro olhar, mais respeitoso aos povos originários. Para que aprendamos um novo conceito ou uma nova ideia, precisamos fazer uma correlação entre o novo e o que sabemos. É um processo interativo, ambos os conhecimentos se modificam: o novos adquirem significados, mais ricos em sentido, mais estáveis cognitivamente e mais capazes de facilitar a construção do novo conceito, e o prévio é ampliado.

Neste sentido, o processo de aprendizagem não ocorre pela simples observação do ambiente, mas por meio dos cinco sentidos. Neste olhar à aula do professor Lusival, iniciou-se com um portal simbólico que nos leva para uma aula campo, a busca de um caminho no meio de caos. Porém, existe a luz na escuridão para guiar o conhecimento, que nos desafia

constantemente. Na busca desse conhecimento fizemos uma viagem mitológica para terra indígena Potiguara na primeira lua cheia do mês de abril de 2023.

Portanto, precisamos conhecer as nossas raízes, para preservar a tradição e cultura da ancestralidade com honra e respeito. Por fim, o ritual da Lua Cheia é um pedido de desculpa aos seus ancestrais, os encantados por não reverenciar a mãe terra criadora de todas as coisas. É uma edificação dialogada, o sentimento passa a interiorizar o ser humano de sair de si mesmo com a bebida mágica “a jurema” que desperta o transcendente e se aproxima com os encantados. É nesta busca do sagrado que a caminhada é solitária, pois, o caminho se encontra no ser e na busca do sentido. No final do ritual é servido o alimento sagrado que objetiva conectar a terra com o céu, assim, o alimento se tornou vida.

Referências

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres: a tradição da Jurema na umbanda nordestina**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos índios Potiguaras da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BARCELLOS, Lusival *et al.* A espiritualidade do índio Potiguara. *In*: NASCIMENTO, José Mateus. (org.). **Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições**. João Pessoa: Ideia, 2012.

COSTA, Surama Souza Ismael da. **Ritual da Lua Cheia: Espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FALCÃO, Emmanuel de Souza Fernandes; COSTA, Surama Santos Ismael da; BARCELLOS, Lusival. A lua Cheia Potiguara: resgate da ancestralidade indígena em um ritual juremeiro. **Rever** São Paulo, v. 22, n.1, 2022.

FARIAS, Eliane Silva de; BARCELLOS, Lusival Antonio. **Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

MENDONÇA, J. B. S. de S. M.; NASCIMENTO, J. M. do; BARCELLOS, L. A. Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. **Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 105–140, 2020.

RODRIGUES, Eleomar dos Santos. **Ditos e feitos de troncos velhos Tremembés de Almofala-CE: saberes que brotam da terra, do céu, dos rios e do mar**. 2016. Dissertação (Programa de educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.